



Vol. 15, nº 2, (2018)

ENTREVISTA COM A ARTISTA PLÁSTICA GILDA PORTELLA

INTERVIEW WITH THE PLASTIC ARTIST GILDA PORTELLA

Luana Soares de Souza¹

Recebimento do texto: 21/08/2018

Data de aceite: 25/09/2018

Preliminares

A pintura é um espaço que revela certos traços, identidades e memórias de uma comunidade. As artes visuais contemporâneas têm resgatado uma série de relações com a geografia, espaço, palavra, cidade e corpo, além de possibilitar reflexões e acentuar tensões entre diferentes camadas sociais, a partir de questões econômicas, de gênero ou raciais. Ao falar de arte visual e verbal contemporânea, vemos que novas expressões surgem no fazer artístico: grafite, *saraus*, *slams*², etc. Esse processo surge com a retomada de vozes que foram silenciadas historicamente. Nesse sentido, mulheres, gays, negros, indígenas, quilombolas se colocam em movimento para expressarem artisticamente suas narrativas. Gilda Portella, artista plástica, coloca, no centro da sua produção artística, mulheres negras, criando uma estética da negritude, que mistura óleo aos objetos, criando texturas, relevos e formas em suas telas.

¹ Doutoranda em estudos literários, pela Universidade do Estado de Mato Grosso, *campus* Tangará da Serra. E-mail: lusoares90@gmail.com

² Batalhas de poesia em espaços públicos.



Entrevista

P: Você poderia contar um pouco sobre sua trajetória? Onde nasceu, onde estudou, quando veio para Cuiabá?

R: Nasci em Barra do Garças, uma cidade do interior de Mato Grosso, às margens do rio Araguaia, cuja água é uma das minhas paixões que além de me encantar, me acalma. Fica ali próximo da Serra do Roncador, onde fui algumas vezes me reconectar com energias telúricas e me reenergizar nas cachoeiras. Fui pra Torixoréu com três anos, fiquei por lá até os catorze anos. Vim para Cuiabá estudar, e sempre retornei ali para passar as férias. Fiz faculdade. Em seguida comecei a trabalhar e estou aqui em Cuiabá até hoje. Viver em uma cidade pequena, com uma família numerosa, recheada de avós, tios avós, tios, tias e dezenas de primos, garantiu-me uma experiência diversificada, múltipla e rica. Avó materna forte, líder, que regia os negócios e os trabalhos da chácara Capim Branco, tomava as decisões familiares às quais os filhos, genros, noras, sobrinhos e irmãos acatavam. Felicidade, esse era seu nome. Rompeu com os papéis preestabelecidos que cabiam a uma mulher desempenhar. Discutia política, manuseava armas de fogo, fumava e, de certa forma, abriu caminhos para as demais mulheres e homens da família Rocha serem como são. O avô materno, permeado por uma maioria feminina, desempenhava o papel de apoiador, cuidava das lides da terra, participava da Folia de Reis, tocava, cantava e dançava a Catira. A produção de rapadura, farinha e pamonha, eram eventos à parte e garantia toda família reunida. Tinha uma oficina de ladrilhos cujas formas e cores me encantavam. No pomar continha inúmeras árvores frutíferas e cabe parar por aqui porque as lembranças estão a borbulhar



Vol. 15, nº 2, (2018)

múltiplas imagens da bica, do monjolo, da roupa no quaradouro, da cata do pequi, araticum, jatobá, as múltiplas festas de santo que lá acontecia – São Lázaro, Santa Luzia e São João Batista, com direito a novena, fogueira, simpatias, promessas, pedidos e comidas. Mãe professora descende de mineiros e pai comerciante (garimpeiro) vindo da Bahia a pé para Goiás, possibilitou-me entrar em contato com todos os componentes desse universo urbano e rural, pessoas letradas e não, histórias reais e imaginárias, fazendeiros e agregados, forasteiros e estrangeiros, bispo e prostitutas, lavadeiras e pescadores, benzedeiras e parteiras... Essas interações sempre foram múltiplas e simbólicas. Morar numa cidade mato-grossense, limítrofe com Goiás, garimpeira, e que tinha na sua composição: mineiros, goianos, grande quantidade de nordestinos, que recebeu a impulsão cultural e econômica do Rio de Janeiro, depois de Goiânia, já é por si só uma especificidade ímpar. Acho que esses detalhes que estão em minhas memórias fazem parte da minha identidade e talvez por isso expresse essas emoções em tela. Enquanto sujeito social as minhas obras são passíveis de serem interpretadas, lidas (como representações de tudo isso que me moldou, ou imprimiu uma marca indelével em meu ser) conforme as condições histórico-sociais e culturais de produção e são permeadas por contradições também.

P: Quais caminhos a levaram para a pintura?

R: Fui orientada espiritualmente. Comecei a pintar como uma forma de me encontrar, de harmonizar e equilibrar as emoções. Logo após, me matriculei na aula de desenho na escola de artes da UFMT (Universidade Federal do Mato Grosso), com a professora de artes Claudia Menezes. Depois recebi aulas com os artistas plásticos: Sonia Nigro e Benedito Nunes. Os primeiros passos de pintura a óleo foram em piso paviflex para aproveitar o material e ressignificá-



Vol. 15, n° 2, (2018)

lo, depois fui para as telas com a temática ORIXÁS, que são elementos de minha prática religiosa, parte da minha vida. Em consequência, as mulheres negras surgiram naturalmente. Costumo afirmar que retrato o universo feminino negro por afinidade, me identifico com a mulher negra, que é vitimizada pelo racismo, pelo machismo, pelas discriminações e todas as formas de opressões e violências que afetam diretamente a vida das pessoas negras. A minha pintura é um convite para o observador refletir a respeito das experiências dessas mulheres. Talvez o olhar de historiadora tenha despertado minha sensibilidade para ver esta realidade ou por ser médium da umbanda, ou quem sabe fui uma mulher negra em vida anterior, não sei ao certo, ou por ter tido o privilégio de em desdobramento de conhecer Tereza de Benguela.

P: A negritude e, principalmente, a mulher negra, é um dos temas mais recorrentes em sua obra. A escolha dessa temática é política? É estética?

R: Sou formada em História e, com o passar do tempo, ao entrar em contato com diversas realidades, minha percepção se dilatou ao olhar para as temáticas: história cultural, história do cotidiano, das mulheres, dos excluídos e dos marginalizados. Ora, não poderia ser diferente pois, tudo isso combina com



meu eu, com minha essência; é uma escolha política, estética, antropológica, cultural, e está inserida num tempo e espaço. É meu olhar e fruto de minhas representações, pois consigo descortinar um universo que é relegado ou invisibilizado pela nossa sociedade. E, muitas vezes, a sociedade vê essas mulheres negras de forma distorcida ou somente em papéis secundários. Devo ressaltar que a produção da obra é política, o modo como me expresso, me relaciono com o



PORTELLA, Gilda. *Sinais*. 2017.
Óleo sobre tela (arquivo da artista)

público, com a produção artística, a sensibilização ou não que a obra promove. Tudo isso pode ser considerado um ato político. Ora, a arte está além das formas, cores e estética - ela é política. Pintar mulheres negras em óleo sobre tela é romper com rótulos. É uma forma de trazer essa parcela oprimida da população para salões de arte, para espaços nobres e requintados das galerias e, por fim, dar o acabamento clássico (academicismo). Com efeito, ao olharmos para as telas, vemos mulheres negras no *status* do belo, sendo que, as obras são levadas a espaço abertos, públicos, praças, bares-cafés e saguões de instituições até mesmo para quebrar esse paradigma de que o povo não gosta de arte e não sabe apreciar. Por outro lado, é também uma forma das mulheres negras anônimas se verem e reelaborarem a forma de auto percepção, melhorando o relacionamento consigo mesmas e com o mundo ao redor. Minha arte é minha



Vol. 15, n° 2, (2018)

vida. Ao expor-me, com nuances de apreensão e de reinvenção da realidade, faço uma arte política. Quem se deixar toca, se move, se metamorfoseia, se transforma. Transformar o outro é fazer político. O fazer artístico é uma responsabilidade perante a vida. A reverberação desse compromisso em alguns momentos desmantela os sentidos, desestabiliza certezas, desafia as formas já assentadas de entendimentos do mundo; gerar conhecimento, promover experiências sensoriais, enfim espelha criticamente o mundo em que estão inscritas. Isto é política. É arte.

P: Em suas obras vemos que as mulheres negras são representadas com turbantes, colares, cores, brincos, flores, de forma bastante positiva. Você acredita que suas obras regeneram a autoestima das mulheres negras?

R: Que bom que você viu tudo isso. Fico encantada e digo que já valeu a pena o percurso que fiz até aqui, porque também fui criticada por pintar mulheres com turbantes, colares, cores, brincos... Quando me manifesto artisticamente é para trazer à tona a beleza estética, cultural e espiritual desse universo feminino que, apesar de ter sido relegado, oprimido e ocultado, é particularmente múltiplo, diverso, rico, repleto de lutas, marcas, cicatrizes, alegre e cooperativo. Por outro lado, quando me pergunta se minha obra regenera a autoestima dessas mulheres, digo que não sei se faço tudo isso. Lógico que é minha intenção trazer esse matiz de igualdade étnico-racial, de valorização da cultura afro-brasileira, pelo fim da intolerância religiosa. Seria um sonho se as mulheres negras se identificassem e ressignificarem suas vidas a partir do meu trabalho. Em meu cotidiano tento retratar o universo das mulheres negras anônimas da história brasileira e mato-grossense. Celebro e congrego a historicidade das mulheres representadas pela líder quilombola Tereza de Benguela, personificando alegrias, dores, lutas, esperança e reflexões sobre a



Vol. 15, n° 2, (2018)

negritude. Preservo as nuances culturais da matriz africana, suas raízes profundas e condutoras da história e cultura mato-grossense. São obras de uma mulher que retrata mulheres, colorindo o feminino ao contar sua história ou de outra, sensibilizando os olhares pela arte. Tudo isso é parte de mim, faço o que acredito, o que vivencio, algo que incomoda minha irrequieta existência.



PORTELLA, Gilda. Tereza. 2017.
Óleo sobre tela (arquivo da artista)

P: O feminicídio de mulheres negras tem sido uma realidade desde a invasão portuguesa em terras brasileiras. A arte tem sido um espaço de crítica social para expor essa realidade. Como você avalia as relações entre arte, e mais especificamente a pintura, e o engajamento?

R: A arte possibilita a crítica da realidade na qual estamos inseridos. As espátulas e os pincéis evidenciam os indícios e os sinais das relações desiguais entre os diferentes segmentos sociais. Com efeito, as tensões, os conflitos e os silenciamentos são representados pelo brilho das cores das tintas, pois o vetor da arte é sensibilizar, instigar e levar o observador a questionar o que está normatizado e naturalizado: o feminicídio. A grande quantidade de jovens negros assassinados, o gigantismo da população carcerária negra é, infelizmente, desafiadora temática para pintura. E por que não? A arte é mais que o belo. Tem que ter engajamento, tem que levar bandeiras, independentemente de militância partidária, a fim de fazer as pessoas olharem



Vol. 15, nº 2, (2018)

as feridas históricas. Revisitar tudo isso com a arte é mais leve e suave. É terapêutico e libertador reverenciar e ressignificar essas mulheres que nos antecederam. Dessa forma, penso que a arte é engajamento, pois o engajamento reflete um ato político. Já fiz uma série sobre feminicídio e me inscrevi em dois concursos de artes plásticas. Estou esperando e torcendo para que eu seja selecionada e possa mostrar. Por outro lado, sempre possibilitei, gratuitamente, que as imagens dos meus trabalhos ilustrassem cursos, oficinas, eventos, poesias e e-books que discutam questões étnico-raciais ou assuntos correlacionados. Quero que as telas estejam presentes tanto na academia como em praças públicas. Isso representa muito mais que vender pela simples questão da interconexão, do sentimento de pertencimento a um todo maior. Quero registrar que o músico, percussionista e cantor Fabio Carvalho, de Vitória no ES, tem um trabalho lindo com música e é super engajado com as comunidades negras, de forma generosa me cedeu uma música do seu Álbum *Quintal-Afro Congo Beat* para servir de trilha sonora das imagens das telas que eu divulguei nas plataformas digitais. Todo esse apoio, acolhimento e conexão se deram, mesmo sem nos conhecermos pessoalmente, mas sim por um bem maior. Assim também foi com Adegmar da Silva, o mestre Candieiro, do Instituto Humaitá, em Curitiba, que colacionou em sua poesia as imagens das minhas de telas. Acho que aqui está presente um dos princípios do Ubuntu “você é uma pessoa por meio de outras”; “eu sou porque você é, você é porque eu sou, e nós somos por sermos uma comunidade”. Os fios dessa rede inescapável de mutualidade teceram a aproximação com: Nina Silva, Luana Protazio, Francielle Costacurta, Vera Paixão, Thata Alves, Sergio Ballouk, Maria Ribeiro e outros. Vejo que o meu trabalho será pleno quando estiver inserido na temática que tanto afeta as mulheres, tem que haver essa inter-relação indissociável entre todas as coisas e a consonância pessoa/coletividade.



P: Suas obras narram uma outra perspectiva sobre as mulheres negras que diverge da narrativa oficial. Em sua obra vemos ancestralidade, coletividade, energia feminina, desvinculando a mulher negra do



PORTELLA, Gilda. Tereza de Benguela II. 2016.
Óleo sobre tela (arquivo da autora)

estereotipo da sexualização e da animalização. Você acredita que a arte pode ser um lugar de recomposição da identidade da mulher negra, que foi fragmentada pela estética branca?

R: A recomposição da identidade da mulher negra tem que ser a todo momento e em todos os lugares e espaços, desde internet, novelas, jornais, propagandas, religiões, política, livros didáticos, até nas artes. Entendamos arte abrangendo pintura, fotografia, poesia, literatura, dança, música, cinema, teatro, grafite, etc. As práticas da ciranda de crioula vêm tentando fazer isso. A dança circular, os ritmos e os movimentos corporais são uma das formas de reconectar os fluxos e energia feminina com o processo de emancipação política e regenerar a autoestima, e também reverenciar no aqui e agora a energia da coletividade; da ancestralidade. Retratar mulheres com turbantes, colares, cores é uma forma de desconstruir o imaginário popular sobre a população negra pela ótica da inferioridade, do corpo coisificado, hipersexualizado e apto apenas aos trabalhos manuais e transformá-lo num imaginário estabelecido no prestígio,



Vol. 15, n° 2, (2018)

igualdade e com sentimento de pertencimento. A afirmação positiva do cabelo negro, crespo ou o uso dos turbantes marcam imagem de luta e resistência, e uma construção identitária de uma negritude. Isso é a expressão de uma ancestralidade e de memória que permaneceu viva. Evidencia a valorização e reconhecimento de uma textura e da beleza negra. Ressalto que a cabeça para as diferentes tradições africanas e afro-brasileiras representa um forte elo com o sagrado.

P: Acredito que algumas mulheres negras devem ter te inspirado. Você pode falar sobre elas?

R: Com Certeza me inspiram e inspiraram! Dentre elas posso citar Tereza de Benguela, que me inspirou na época de faculdade, e agora com a pintura. Tem a Enedina Domingas da Silva (Bina) empregada da casa de uma tia. Sempre a admirei por ser mulher negra, que cursou até 4º serie, veio da comunidade do Coxipó do Ouro para morar e trabalhar na capital Cuiabá. Era sozinha, ganhava dois salários mínimos e tinha carteira de trabalho assinada na década de 80, 90, o que era raridade. Ela gostava de comentar suas conquistas para outras colegas de profissão. Tinha casa própria, sempre andou impecavelmente bem vestida e perfumadíssima. Comportamento e fala marcante ao executar as tarefas da casa. Foi meu referencial e me impulsionou a sair da casa dos meus pais com a certeza que conseguiria me sustentar. Ela me exemplificou que era possível. Inspiram-me ainda, Maria Jose Matos e Francisca Correa da Costa a quem eu chamo carinhosamente de Vó Maria e Vó Chica. Ambas, exemplo de entrega, no trabalho de atender aos que necessitam de orações, conselho e direcionamento. São mulheres de coração puro, humildes e não ostentam colares, guias e saias rodadas no sacerdócio que exercem por amor a Cristo. Exemplos de acolhimento, estendem a mão a todos que as procuram, sem



Vol. 15, n° 2, (2018)

perguntar da classe social, religião ou partido político. Tal como na afro brasilidade da Umbanda, onde os Pretos Velhos, são manifestação viva da simplicidade e humildade, sabedoria e amor, acolhendo a todos atendidos sem perguntar da origem, gênero, ou opção religiosa.



PORTELLA, Gilda. Tereza de Benguela. 2016.
Óleo sobre tela (arquivo da artista)

P: Existem em Mato Grosso várias outras artistas que têm elaborado suas obras pautando a mulher negra. Você poderia citar algumas delas?

R: Tanto no Coletivo Negro da UFMT como no

Imune (Instituto de Mulheres Negras de Mato Grosso), várias mulheres produzem teses, debates, livros. O Uniafro forma profissionais nas diversas áreas do conhecimento preparando-os para lidar com as questões étnico-raciais. A Ciranda de Crioula, da qual faço parte, juntamente com Érica Salles e Isis de Castro. Na poesia, algumas parceiras nos eventos da Ciranda são elas: Lindalva Alves, Lupita Amorim, Julia Santos, Maria Clara Bertúlio, Talita Gonçalves, Edilaine Duarte, Luana Soares, Maria Tereza, Luiz Renato, a poetisa da Academia Mato-grossense de Letras Luciene de Carvalho; na música o Gê Lacerda e PachaAna; os grupos culturais: Aguerê com Sonia Aparecida, Tambores de Jurema Axé e Dendê com Regina Cancio. Que publicaram livros



Vol. 15, nº 2, (2018)

temos Silviane Ramos com “Pérolas Negras”, Neusa Baptista e Jacqueline Silva. Nas artes plásticas: eu, Meg Marinho, Paty Wolff. E por fim, tem a galera do hip hop e pessoal dos grafites. O parceiro da Ciranda de Crioula, o fotografo e ativista negro João Almeida.

P: Gilda é mais que uma artista plástica. Podemos dizer que também é uma agitadora cultural, que movimenta a cena artística cuiabana e mato-grossense, promovendo saraus e mobilizando outras artistas mulheres. É difícil ser mulher no meio artístico?

R: Meio Artístico deve ser o primeiro lugar da mulher, pois lida com sentimentos, emoções e intuição. Com efeito, a criação e a criatividade são inerentes à energia feminina, uma vez que conceber uma ideia ou idealizar um projeto está na essência da mulher. Quero ressaltar que em todos os eventos que participei ou realizei não recebi um real. Percebo que não há interesse dos órgãos públicos e gestores em promover cultura, enquanto elementos a serviço da emancipação política, econômica e social. É um caminho por vezes solitário. Existem boicotes, aproveitadores, e outros colaboram somando e agregando, alguns são alérgicos e não querem sua imagem em evento que aglutinam música, dança e arte. Consideram uma ameaça à sua autoimagem. Vejo necessária essa etapa de divulgar, romper barreira, vencer a discriminação e colocar Orixás e mulheres negras como arte. Acho necessário, ver as pessoas valorizarem o trabalho, o fazer artístico; e ao olhar vejam mais que um produto de consumo e que percebam identidade, cultura, valor estético de um bem da memória material e imaterial, algo acima do valor comercial. É necessário falar de vendas. Se eu fosse viver exclusivamente da arte, seria inviável, impraticável, não daria para pagar as despesas, vender para investir em estudos, comprar materiais, tampouco conseguir viajar para expor em outros países.



PORTELLA, Gilda. Indícios. 2017.
Óleo sobre tela (arquivo da artista)

P: Em relação às instituições públicas de Mato Grosso, como você avalia a participação delas nos espaços artísticos. Há bastante incentivo para o fortalecimento e crescimento da cultura produzida no Estado ou ainda há pouco investimento e incentivo por parte do poder público? O que mais pode ser feito?

R: Não há incentivo por parte do Estado ou Município. Lembro de um espaço cultural onde pintei paredes do local para poder expor. Outra vez pintei os

suportes antes de usá-los. Em outro espaço, para realizar a exposição, colegas compraram material elétrico e montaram a iluminação, e o espaço não possuía sistema de ventilação, o que é terrível no clima quente de Cuiabá. Observando o edital de uso do saguão do teatro da UFMT, verifiquei valores na faixa de cinco mil reais. É inviável custear esse investimento sem patrocínio. Os eventos que realizamos nos últimos três anos, em todas as instituições, nos cederam apenas o espaço físico. Os demais custos com folder, banner, som e divulgação foram sempre por nossa conta. Recentemente os artistas mato-grossenses lançaram uma campanha SOS MUSEUS para cobrar a reabertura de espaços que estão fechados há mais de ano e cobram que o Governo conclua os



Vol. 15, n° 2, (2018)

processos de concessão dos espaços. Entre outros, o Museu do Rio, Museu de Arte Sacra, Casa dos Governadores, Museu Histórico de Mato Grosso, Galeria Lava Pés, Museu de Arte de Mato Grosso, Palácio das Instruções, Museu da Caixa D'Água e Museu Rondon, todos fechados. O MISC, Museu da Imagem e do Som de Cuiabá, é o único aberto. Isso reflete a prática de um Estado de latifúndios e agroexportador, que não pensa a Cultura, a História e não tem Memória. Percebo desconexão dos aparatos culturais com a sociedade, ausência de incentivo para que o público compareça e interaja com os espaços culturais. A valorização do espaço cultural passa pela valorização da arte e, principalmente, do artista.

Esta entrevista é de total responsabilidade da entrevistadora.